

I Concurso Literário: Contos

Suspiro

Isabelly Lima Amorim

3º Ano do Ensino Médio

 entreascapas25@gmail.com

Eleonora estava trabalhando meio período no açougue do tio durante as férias. Com o festival do Primeiro Florescer se aproximando, o estabelecimento ficava cada vez mais cheio e ocupado. Não a mandavam fazer muito de uma vez, era muito lerda. Ou estava no caixa, ou colando os pedidos na parede, ou limpando peixe no balcão, coisas assim.

Seu ambiente de trabalho era sujo, ao olhar os uniformes dos trabalhadores era possível imaginar o caos que era lá dentro, lugarzinho pequeno e escondido entre lojas maiores na rua da feira. Muito barulho também.

A noite caiu, Eleonora foi mandada para fora tomar um ar. Naqueles poucos minutos de menos barulho, sentada num banco atrás do açougue, Eleonora encontrou serenidade ao observar a movimentação da rua de trás: lixo rolava solto, ratos se encolhiam em cantos escuros e pessoas apressadas pegavam atalho ali.

Seus olhos começaram a pesar, tirou a máscara para esfregar o rosto com as mãos sujas. Olhou para cima e com os olhos bem abertos encarou a luz do poste até seus olhos arderem. Quando isso aconteceu, Eleonora fechou os olhos e ouviu um *looongo* suspiro vindo do céu. Ainda de olhos fechados, com a cabeça para cima, estranhou que tudo tinha ficado tão silencioso. Abriu os olhos, demorou um pouco, mas o barulho voltou, talvez até em um volume maior.

Levantou em um pulo, a máscara em punho enquanto procurava quem havia suspirado. Foi até a calçada, olhou para os dois lados da estrada, até debaixo do banco ela fez questão de checar. Não havia ninguém junto dela.

A porta dos fundos foi escancarada com um baque, e a larga figura de seu tio apareceu ali. “Vamos pra casa, o turno da noite já chega pra ajudar.” Eleonora piscou algumas vezes antes de reagir, indo em sua direção. “O que foi? O que tá fazendo aí? Vamos, anda.”

Ele virou as costas e ia atravessando lentamente o corredor, Eleonora ultrapassou seus passos com uma pressa anormal e parou na frente dele, bloqueando a passagem.

“O senhor ouviu aquilo?”

“O que?”

“Um suspiro, bem alto, veio do céu”

O tio alcançou sua testa com as costas da mão.

“Um suspiro?”

“Sim”

“Como assim um suspiro?”

“Quando alguém está cansado ou apaixonado, suspira, não é assim?”

“Ah...”

Quando chegaram em casa, deram a Eleonora um gole de um xarope e uma boa noite de sono.

Eleonora desde então passou a encarar o céu com aflito, esperando ouvir de novo alguma coisa, algum sinal. E se realmente fosse um sinal, o que queria dizer? O que ela deveria fazer? Se fosse algo tão sério, por que aquele suspiro, tão profundo quanto o mar, foi tão breve? E por que ela foi a escolhida para ouvi-lo?

Entrava e saía de salas carregando um motivo nobre nas costas, proclamada pelos celestiais a atravessar a linha entre o mundano e o segredo.

Ainda caminhava lento, de cabeça baixa para não se sobrepor aos demais.

Passou o tempo e nada de uma explicação. Eleonora aproveitou o contexto das férias e chamou uma amiga próxima para sair de casa e ajudar no festival, andando calmamente pelo calçadão, agora decorado com seda púrpura e pingentes de ouro, cada uma segurando uma caixa com tecidos e comida. Eleonora tocou no assunto pouco tempo depois do encontro.

“Nossa, que esquisito...” não disse mais nada por um momento “E você não notou nada de diferente desde então?”

“Pior que não, Vera”

“Deve ter algo de errado, você tem certeza de que estava sozinha mesmo?” Eleonora confirmou “Não sei como te aconselhar, eu ignoraria se fosse você”.

“Foi tudo tão real, se realmente algum deus entrou em contato comigo, mostrar resistência ao chamado não é uma afronta?”

“...” Vera freou suas ações e encarou com choque as sérias expressões da outra.

“...” Eleonora tombou a cabeça para o lado quando percebeu que a amiga havia parado de segui-la, já tinha uns 30 passos.

Decidiram fazer uma pausa, se acostaram nas caixas colocadas no chão e secaram o suor do rosto com a barra da blusa. Eleonora seguiu com o olhar uma borboleta.

“Por que não volta lá?” Sugeriu Vera, Eleonora se volta para ela “Se querem algo de você... Então... Deveriam entregar um manual ou algo assim”

Eleonora concordou firmemente e voltou na mesma noite para o açougue. Trabalhou cometendo muitos erros, pensava demais sobre o que deveria perguntar se alguém realmente lhe respondesse. Logo foi mandada para fora, de novo.

Essa era a oportunidade perfeita, mas as palavras simplesmente não saíam de sua boca. Estava em pé, sonhando acordada com o desfecho de sua história que tomou uma curva absurda só com um suspiro. Sentiu a boca secar, um arrepio percorreu o corpo.

Deveria voltar para dentro, tinha quase certeza de que alguém chamou seu nome.

Antes mesmo de alcançar a porta ela ouviu de novo, um suspiro vindo do céu.

Deu meia volta só para perder a força dos joelhos e desfalecer por um momento, agarrou o braço do banco como suporte, que, com o súbito impulso, declinou e ruiu junto dela ao chão.

Estatelada, o braço preso sob o banco, Eleonora se sentia atordoada o suficiente, até ouvir uma risada que rompeu o silêncio e denunciou Antonieta, uma colega de trabalho, que observava tudo sem ser notada. Sabe se lá a quanto tempo estava ali, deitada no telhado, matando trabalho.

Ela se apressou, mesmo que Eleonora não estivesse chorando, desceu pela escada de emergência e a auxiliou fora do banco.

“Você tá bem?” Antonieta estende a mão.

“A quanto tempo... Você tá ali em cima?”

“Até bem antes de você chegar, eu te assustei?”

“...” Eleonora se desapontou muitíssimo ao notar que o suspiro de agora e do outro dia eram os mesmos.

Mais tarde, com o braço enfaixado e devidamente repreendidas pelo acidente e por abandonarem seus postos, as duas se sentaram na calçada em frente ao açougue. Eleonora permaneceu em silêncio perante a todas as tentativas de Antonieta socializar. Não explicou nada. Já não havia mais glória, nem agonia. Apenas pendeu a cabeça para baixo, mergulhando em uma vergonha que a acompanharia durante muito tempo.